

Especial



A VOZ NA ESCRITA

A história oral criou outro jeito de fazer jornalismo, literatura, museologia e ganhou espaço em outras áreas, preservando a maneira do falar e a emoção de quem viveu o que conta. Incluindo relatos de grupos silenciados, os testemunhos orais aproximam pessoas e estabelecem o diálogo

Agnes Mariano

Com a voz, anunciamos nossa chegada ao mundo: um grito, o choro. Falando, compartilhamos saberes e experiências. Provérbios, receitas, fábulas, orações, poesias, mitos, anedotas e adivinhas foram cantadas, dramatizadas e narradas oralmente por todos os povos. Contar histórias ajudava a dar sentido à vida. Não é à toa que a voz está presente em diferentes tradições religiosas. "A palavra tem um sentido mítico fundamental", afirma o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, um dos maiores especialistas brasileiros em história oral.

Apesar de sua força, a palavra falada foi perdendo terreno para a escrita. Quando parecia destinada ao desprestígio, entretanto, volta a conquistar respeito e chega às universidades e aos livros. Em *Literatura oral no Brasil* (esgotado), o folclorista Luís da Câmara Cascudo dedica algumas páginas aos contadores africanos: "Toda a África ainda mantém seus escritores verbais, oradores das crônicas antigas, cantores das glórias guerreiras e sociais, antigas e modernas, proclamadores das genealogias ilustres. São os akpalô kpatita, ologbo, griotes. Constituem castas, com regras, direitos, deveres, interditos, privilégios. De geração em geração, mudando de lábios, persiste a voz evocativa, ressuscitando o que não deve morrer no esquecimento".

No embate com a escrita, a fala passou a ser considerada o espaço do impreciso, do improvável, do falível. "A ditadura da escrita é tão fundamental que a História se preza como manifestação de conhecimento a partir da escrita. Antes, é pré-história", explica Meihy, fundador do Núcleo de Estudos em História Oral (Neho) da Universidade de São Paulo (USP). A escrita como suporte para contas, contratos, balanços, acordos, garantindo determinadas "verdades". Entre os momentos em que a História reforçou o prestígio da escrita, o historiador cita o Positivismo e a ideia de que sem documento não há História e que estes "documentos" seriam sempre escritos.

Novas perspectivas surgiram no século 20, com a comunicação de massa, a popularização de aparelhos que reproduzem imagens e sons, as novas formas de encarar o conhecimento histórico defendidas por historiadores franceses, as contribuições da antropologia e os acontecimentos da época. "Em 1945, com o fim da guerra, já se sabe que aquele foi um grande evento. Não era preciso mais o tradicional distanciamento. A Segunda Guerra tinha mudado fronteiras, regimes políticos, criado e destruído países. Tinha matado milhares de pessoas, perseguido etnias. E sobre alguns temas desta história não havia grandes registros", comenta a historiadora Suzana Ribeiro, que divide com Meihy a coordenação do Neho.

GÊNESE

A expressão história oral começou a ser utilizado no pós-guerra, nos EUA, em projetos sobre ex-combatentes e familiares. Na Universidade Colúmbia, começam as gravações sobre pessoas comuns, criando um novo modo de lidar com entrevistas, explica Meihy em *História oral: como fazer, como pensar*. De lá para cá, surgiram milhares de grupos e projetos que seguem, cada qual ao seu modo, princípios e procedimentos da história oral.

No Brasil, tudo é muito novo. Os primeiros trabalhos são da década de 1970, sobre as elites políticas, feitos pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com apoio da Fundação Ford. Nos anos 1980, com a redemocratização, a escuta é dirigida aos presos políticos e exilados. A partir daí, o interesse tem sido crescente: "Hoje, a quantidade de trabalhos no Brasil relacionados à história oral é assustadora. Há dois anos, em um congresso na Itália, metade dos trabalhos inscritos eram brasileiros", conta Suzana. Além dos grupos na USP e na FGV, existem outros em muitas universidades brasileiras. Pesquisas em ciências sociais, psicologia, comunicação e enfermagem também recorrem à história oral, definida por alguns como técnica e por outros como metodologia ou disciplina.

As etapas presentes na maioria das iniciativas são: projeto, roteiro, gravação da entrevista, tratamento do material e publicação. Alguns optam pela história oral temática (centrada em um tema ou episódio) ou pelas pesquisas sobre tradição oral, inspiradas na metodologia dos africanistas. A vertente mais praticada, entretanto, é a de vida, seja ligada a uma família, profissão, gênero, classe ou etnia.

Mas de onde vem tanto interesse por relatos de vida? A historiadora Karen Worcman, que fundou há 17 anos o Museu da Pessoa, tem uma explicação: "Números e análises não têm o poder de nos emocionar e abrir canais de compreensão do outro como essas narrativas. Somos todos pessoas, diferentes e semelhantes ao mesmo tempo. Aí reside o poder transformador das histórias de vida. Somos capazes de entender os dramas dos outros, sentir empatia, nos emocionar, aprender, admirar, detestar e tudo o mais, porque nós mesmos poderíamos ter estado ou na posição do outro. Mas, como somos também diferentes, acabamos por aprender sempre com a história de alguém".

Vale lembrar também que contar a própria história é um direito a ser conquistado. Uma fala que pode ter a ousadia de chegar ao papel e ganhar fama internacional. Foi o que aconteceu com a escritora Carolina Maria de Jesus, nos anos 1960, em seu **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. O livro vendeu mais de 100 mil exemplares, foi traduzido para 13 idiomas, gerou perplexidade, amor e ódio. É um sucesso que talvez se explique pela força insubstituível da experiência.

Para os oralistas, não importa se quem fala é famoso, anônimo, adulto, idoso ou criança. Todos têm memórias que podem ser compartilhadas. Eles podem acumular uma história como a de Paulinho, de 11 anos: "Eu moro na rua e só vou em casa de vez em quando. Durmo na rua, e ninguém lá em casa sabe onde estou. Achei até que eles gostaram quando eu saí de casa. Não briguei com ninguém e saí porque estava procurando as minhas melhoras". Ou de Luis Inácio Lula da Silva, lembrando o começo no sindicato: "A primeira vez que fiz um discurso foi na posse. Na hora de ler, me deu uma tremedeira que eu quase não paro em pé. Parecia que eu estava no último estágio do Mal de Parkinson". O Paulinho em questão é um menino de rua que, junto com outros garotos, tem sua história registrada no livro **Decifra-me ou devoro-te**, de Yara Dulce Bandeira de Ataíde. O presidente Lula, em conjunto com outros sindicalistas, contou suas experiências ao projeto "ABC de luta", do Museu da Pessoa e Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Um certo dia de 1926 ficou na memória do lituano Antanas Augustaitis: "O navio atracou. Querida terra do Brasil... o trem já esperava por nós. Chegamos na Hospedaria... veio cafezinho com pedaço de pão. Até hoje me lembro, mas que café! Era licor de café!" Tal narração serve ao Memorial do Imigrante em seu trabalho de resgate histórico.

GRAVANDO

Jovens, índios, empregadas domésticas, funcionários de uma empresa, frequentadores de um clube, moradores de um bairro, artistas, políticos, empresários. Havendo quem narre, qualquer recorte é válido para o projeto. No caso do Memorial do Imigrante, a escolha não foi difícil. O suntuoso conjunto de prédios localizado na Mooca, em São Paulo, tinha sediado por décadas a Hospedaria de Imigrantes, criada para acolher estrangeiros atraídos para o Brasil a fim de trabalhar nas plantações de café. Lá, recebiam alojamento, alimentação, atendimento médico, odontológico e seguiam para as fazendas. "À medida que a migração externa praticamente acabou, a interna passou a predominar. Veio o pessoal de Minas, do Nordeste, de vários estados", explica Fabio Nucci, um dos responsáveis pelo Departamento de História Oral.

O mesmo local foi sede de uma escola técnica de aviação, acolheu desabrigados e crianças, funcionou como presídio político, mas a função de museu se impôs. Entre materiais cedidos ou pertencentes à instituição, o visitante encontra mobiliário, utensílios, fotos, documentos, certificados de desembarque, exposições temporárias, vídeos temáticos e 450 depoimentos orais. A gravação de entrevistas começou no início dos anos 1990. Para localizar depoentes, a equipe recorre à indicação de conhecidos, colegas de trabalho e vai atrás de pessoas que deram entrevista para jornais. Segundo Nucci, há testemunhos que retratam situações surpreendentes, como a dos irlandeses recrutados pelo Exército com promessas de terras, a mulher que dirigia um jornal na década de 1940 ou a do homem que viajava pelas colônias japonesas projetando filmes. Uma lacuna a ser preenchida é a migração nacional, pois quase todos os relatos ainda são de estrangeiros e seus descendentes.

Definidos os objetivos, reunida a informação disponível e localizados os entrevistados, é preciso pensar no roteiro e combinar o local. Muitas vezes é escolher entre um ambiente onde luz, ruídos e interferências estão sob controle, mas perder a naturalidade, ou optar por um lugar familiar ao entrevistado, enfrentando interrupções. Entra aí o entrevistador, inspirando confiança, contornando dificuldades e sabendo ouvir.

“A primeira vez que fiz um discurso foi na posse [do sindicato]. Na hora de ler, me deu uma tremedeira que eu quase não paro em pé.”

Luis Inácio Lula da Silva

Eliane Brum é uma jornalista diferente, gosta mais de ouvir do que perguntar, por isso, trabalha como os oralistas: "Escutar é muito mais do que ouvir. É não interromper quando a pessoa está falando. É não esperar que ela diga algo quando não fala o que você quer. É estar aberto para o espanto, para se surpreender. É despir-se daquilo que você é, dos preconceitos, da visão de mundo, chegar o mais vazia possível para aquele momento e conseguir realmente escutar com todos os sentidos o que aquela pessoa está dizendo. Eu tenho todo o tempo do mundo, sempre, mesmo que depois tenha que virar a noite escrevendo. Escuto com toda a paciência, porque cada pessoa também tem o seu ritmo".

O roteiro é um guia para a conversa, mas cabem improvisos. No Memorial do Imigrante, o local de origem, motivo da imigração e impacto da chegada ao Brasil são questões recorrentes. No livro Memória falada, o Museu da Pessoa explica seus procedimentos e indica tipos de perguntas que ajudam ou atrapalham na construção da narrativa, como as questões com julgamentos de valor, "que

atendem muito mais a hipóteses e anseios do entrevistador do que aos objetivos de construção de uma narrativa pessoal". Segundo Meihy, se na história oral temática as perguntas são objetivas, na de vida trabalha-se com estímulos, conjunto de possibilidades. Respiração entrecortada, hesitações, silêncios, risos e gestos também entram nas anotações de Eliane. Falar e dizer não são a mesma coisa, ensina ela.

Para um oralista, a relação com o entrevistado não termina com um "Obrigado pela entrevista. Adeus". O entrevistado é um colaborador, o que faz desse tipo de narrativa "uma maneira democrática de produzir documentos", afirma Meihy. Ele deve ter acesso à transcrição, podendo rever e alterar suas declarações, e deve autorizar (ou não), por escrito, a divulgação do depoimento. Fora das universidades, esse procedimento não é muito adotado. O Museu da Pessoa e o Memorial do Imigrante pedem autorização após a entrevista. "Em geral, quando lemos a transcrição do que falamos, levamos um susto muito grande. Meio como acontece quando nos vemos em uma fotografia. A tendência da pessoa é começar a editar, cortar, consentar. A transcrição, como diz a palavra, é mais uma troca de suporte do momento da entrevista do que um produto final em si. Se a pessoa começa a editar o texto, ao final, não temos a entrevista, nem um texto biográfico escrito", justifica Karen. No Memorial, a interpretação é a mesma, diz Nucci: "Se a cada momento você entrega o material inteiro para revisão, chega um momento em que se perde a essência do material".

Mas todos concordam com a necessidade de devolver aos entrevistados o material produzido e partilhá-lo com a sociedade. Depoimentos coletados pelos pesquisadores do Necho alimentam pesquisas de pós-graduação, vão para o site, são publicados em livros, compõem o acervo. Os dos imigrantes estão na biblioteca do Memorial e podem ser consultados no local. Já o Museu da Pessoa explora todos os suportes possíveis: livros, cadernos, programas de rádio, TV, exposições, acervo climatizado, além dos vídeos, áudios e textos disponíveis no portal. No site www.museudapessoa.net é possível conhecer milhares de histórias de vida. Eliane Brum sempre envia exemplares dos jornais e das revistas aos entrevistados. Pessoas que, às vezes, permanecem em sua vida, continuam ligando para conversar. Alguns desses relatos foram reunidos em **A vida que ninguém vê** que, em 2007, recebeu o prêmio Jabuti de melhor livro-reportagem.

TRANSFORMAÇÕES

Escutar o outro transforma o pesquisador. Falar de si modifica o depoente. Conhecer uma história de vida afeta o leitor. "Ninguém entra na vida do outro impunemente", alerta Eliane. Sobre os efeitos provocados pela experiência, Karen cita desde "o profundo agradecimento que uma pessoa sente ao ser escutada e valorizada, até pessoas que repensaram sua vida e a compreenderam sob uma nova perspectiva".

Meihy identifica um efeito terapêutico: "Alguém que conta a própria história, ao fazer isso, se reidentifica, retraça alguma coisa que a sociedade moderna tem tirado destes contadores. Hoje, você não tem mais o contar continuado. A pessoa que faz esse relato se reencontra com um processo narrativo que tem sido roubado dela". Um efeito que pode ser ampliado também para um grupo, restituindo o seu "espírito de corpo", diz o professor.

Alguns dos novos oralistas de Santo André têm apenas 8 anos, mas já sabem de tudo isso. Foram meses de leituras, discussões e ensaios até o grande dia, quando entrevistaram Regina Borges, servente da escola e uma das fundadoras do bairro Jardim Santo André. Cada um dos 32 alunos da professora Anna Carolina Barbosa, da Escola Cora Coralina, já tinha sua tarefa: alguns fariam desenhos, outros escreveriam, vários perguntariam. Mesmo estando "supernervosos", deu tudo certo: "Eles estavam muito seguros do que estavam fazendo", diz ela. Relembrando sua trajetória e as dificuldades que enfrentou, a entrevistada se emocionou e as crianças também. Segundo Anna, "foi um dia especial, um fato que marcou esse ano, tanto para mim quanto para elas". No final, um presente da turma e um café para celebrar. O passo seguinte foi caprichar nos desenhos e produzir o texto coletivo para um livro. Antes do projeto, metade da sala não sabia ler.

Anna Carolina é uma das centenas de professoras da rede pública que já participaram do projeto Memória Local, uma parceria do Museu da Pessoa com o Instituto Avisa Lá, que mostra como levar a história oral para as salas de aula, motivando a leitura, a escrita e a compreensão de que "ela é feita por todos nós, é uma construção coletiva e social", explica Sônia London, coordenadora do Programa de Formação do Museu da Pessoa. O resultado tem sido a criação de vínculos entre estudantes, educadores e comunidade. "E da comunidade com os espaços educativos. A oportunidade de escuta possibilita essa aproximação, o respeito e o fortalecimento da autoestima", complementa. O projeto já foi aplicado em cidades de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Além de ensinar todos os passos para a realização do trabalho, o projeto disponibiliza o material produzido pelas crianças no portal do Museu da Pessoa e nas ruas das cidades onde ocorre, numa exposição de desenhos e fotos.

Onde há gente, há memória. E onde há memória é possível fazer história oral. Cada vez mais pessoas têm percebido isso e desenvolvido seus projetos: trabalhadores rurais, moradores de bairros populares, associações, grupos religiosos. Entre os diversos cursos já dados pelo Necho, Meihy e Suzana falam das experiências na África, onde o interesse pelo tema é grande, pois lá, segundo eles, "a oralidade é fundamental". O que parece comum a essas iniciativas populares que buscam se apropriar da metodologia da história oral é o desejo de ouvir narrativas

desconhecidas, incorporar novas perspectivas e também construir o próprio discurso. ©

